A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

PSICANÁLISE DOS CONTOS DE FADAS

ISABEL CRISTINA DA CRUZ BATISTA

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo mostrar a importância dos contos de fadas na educação infantil e como introduzi-los de forma lúdica na vida do aluno, pois os contos contribuem com o desenvolvimento do caráter e formação dos valores morais, através do crescimento interno das crianças. Como cita Bettelheim (2002, p.40): “O conto de fadas oferece materiais de fantasia que sugerem à criança sob forma simbólica o significado de toda batalha para conseguir uma autorrealização, e garante um final feliz”.

Dessa perspectiva, os contos de fadas buscam promover o desenvolvimento da imaginação e da percepção do mundo por meio das possíveis interpretações.

Atualmente vemos nossa sociedade tendo que conviver com a mudança de valores relacionados à moral e aos costumes, estes são necessários para a sobrevivência em sociedade e é através dos contos de fadas que pode-se transmitir essas mensagens à criança que um dia será um adulto, responsável por seus atos.

Palavras-chave: conto de fadas; desenvolvimento infantil; crianças.

ABSTRACT

The present work aims to show the importance of fairy tales in children's education and how to introduce them in a playful way in the life of the student, because the stories contribute to the development of the character and formation of moral values through the internal growth of children. As Bettelheim cites (2002, p.40): "The fairy tale offers fantasy materials that suggest to the child in symbolic form the meaning of every battle to achieve self-realization and guarantees a happy ending."

From this perspective, fairy tales seek to promote the development of the imagination and the perception of the world through possible interpretations.

Nowadays we see our society having to live with the change of values related to morals and customs, these are necessary for survival in society, and it is through fairy tales that one can transmit these messages to the child who will one day be an adult, responsible for your actions.

Keywords: fairy tale; child development; child.

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo abordar os contos de fadas e as interferências que eles podem causar na vida da criança. Mas especificamente o estudo trata a funcionalidade dos contos na formação do caráter do indivíduo no início da infância.

O conto de fada se constitui como o primeiro filtro entre a criança e o mundo que a cerca, pois ao longo dos anos, os eles vêm sendo passados de geração em geração. Quem nunca, quando criança, ouviu os avós ou os pais contarem uma história antes de dormir? Certamente já se ouviu falar de João e Maria com sua trilha de migalhas e a casa de doces, Chapeuzinho vermelho e o lobo na casa da vovó, Cinderela e seu sapatinho de cristal, enfim, todos nós já ouvimos uma dessas histórias um dia.

Nossos pais e avós usavam essas histórias para nos ensinar alguma coisa, tais como não desobedecer e sempre ouvir os mais velhos, não falar com estranhos, tomar cuidado ao andar pela rua e uma infinidade de coisas. Coelho (1991) afirma que “o impulso de contar estórias deve ter nascido no homem, no momento e quem ele sentiu vontade de comunicar aos outros, certa experiência sua, que poderia ter significado para todos”.

Os contos de fadas fascinam. Porque são maravilhosamente transmitidos por meio de tradição oral, de forma transgeracional, ou seja, de uma geração à outra, em momentos mágicos de encontro das infâncias (da infância de uma criança com a infância de um adulto que foi criança). Também porque este é um dos preciosos meios que temos e temos poucos meios, se comparados com os recursos psíquicos do adulto, quando somos crianças, para lidar com situações desagradáveis e resolver conflitos pessoais. Esta é, na verdade, uma forma de proteger as crianças, já que por seu intermédio a criança lida com seus medos e emoções.

Nesse artigo será abordado a origem e a evolução dos contos de fadas, assim como diferentes versões e adaptações segundo vários autores, assim como também a importância dos contos de fadas, o uso em sala de aula e suas interferências na vida da criança, demonstrando com seriedade as questões da existência humana.

As mensagens de otimismo que a criança encontra nos contos de fadas mostram a elas que vale a pena enfrentar seus problemas que surgem durante o seu crescimento, para que desta forma possa alcançar uma visão que ajudará a recuperar sua autoestima e o prazer de viver sem medo de ser

feliz.

A ORIGEM DOS CONTOS DE FADAS

Os contos de fadas surgiram com o homem primitivo. As teorias de sua origem são pouco claras e apresentam algumas diferenças, apesar disso, pode-se afirmar que os mesmos principiaram-se na transmissão oral de narrações folclóricas e de contos populares.

Segundo Coelho (1987), os Contos de Fadas surgiram por volta de 4.000 a.C com os egípcios no "Livro do Mágico". Depois eles aparecem na Índia, na Palestina, Grécia, Arábia, Irã e Turquia. Coelho (2000) também fala sobre os contos célticos cheios de misticismo, coragem e bravura que visavam "a realização do interior do ser humano".

Já Souza (2005, apud SCHNEIDER & TOROSSIAN, 2009, p. 134) "faz menção aos contos, descrevendo-os como histórias que narravam o destino dos homens, suas dificuldades, seus sentimentos, suas inter-relações e suas crenças no sobrenatural". Farias de Rubio (2012) frisam que os Contos de Fadas eram relatos do cotidiano de camponeses e que serviam como forma de entretenimento e as fadas só surgiram anos mais tarde, caracterizados pela mulher perfeita, bela e cheia de poderes, poderes estes considerados sobrenaturais.

As fadas hoje estão no imaginário das crianças em situações cotidianas como "fada do dente", Coelho (2000) afirma que as fadas possuem poderes voltados para o bem e que "a fada ocupa um lugar privilegiado, encarna a possível realização dos sonhos ou ideais inerentes a condição humana". Coelho (2000, p. 173), cita o geógrafo Pomponius, o primeiro a mencionar as fadas como nós as conhecemos, ele as descreve como virgens com poderes mágicos que com seu canto dominavam os ventos e o oceano Atlântico. Elas também aparecem nas histórias da cavalaria germânica, com o nome de damas brancas, negras ou verdes, nas lendas da Mesopotâmia como damas das águas, das fontes e planícies, ou seja, elas são vistas de várias formas, porém todas têm a magia e o misticismo como característica comum.

Radino (2003) afirma que os Contos de Fadas surgiram ao longo do tempo e, assim como a sociedade e sua cultura, sofrem constantes transformações. Para ele provavelmente os primeiros Contos de Fadas manuscritos apareceram na Itália em meados do século XVI e esses têm diversas versões, porém as do francês Charles Perrault e as dos irmãos alemães Grimm são as mais conhecidas. Alves et. al. (2011) conclui que, conforme os Contos de Fadas se aproximaram da infância, sofreram diversas transformações até chegar às versões, as quais conhecemos hoje e, mesmo atravessando os séculos, eles são considerados formas importantes de ensinamentos para a humanidade.

Os contos de fadas existem há milênios. Em diversas culturas, em todos os continentes, existem histórias com estruturas e narrativas semelhantes aos contos que conhecemos hoje, e que são de origem europeia. Apenas para citar um exemplo, a história da "Cinderela", tem um registro de narrativa muito semelhante à sua na china do século IX.

Considerado por muitos o primeiro autor a escrever para crianças, no século XVII o francês Charles Perrault foi o primeiro a coletar e organizar contos de fadas em um livro. Perrault escreveu várias obras para adultos, mas foi imortalizado pelo único volume que escreveu para crianças, "Contos da Mãe Gansa". Na Alemanha do século XIX, os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm também realizaram um trabalho de coletânea de contos populares. Sendo filólogos, o interesse inicial era coletar tais contos para estudar a língua alemã e registrar seu folclore, de modo a recuperar a realidade histórica do país.

Os contos que coletaram foram publicados nos dois volumes da obra, "Contos da Criança e do Lar", que jamais pretendeu ser um livro infantil (dado seu objetivo inicial), mas que foi adotado e lido por crianças e famílias do mundo inteiro. Os irmãos Grimm tiveram o mérito de registrar suas histórias nas versões originais, sem as adaptações e lições morais de Perrault. Depois da publicação de seus trabalhos é que surgiu a literatura infantil de fato, com vários autores do mundo escrevendo para crianças. Contos de fadas, lendas, fábulas, histórias, mitos, entre outros, são temas que fascinam e estimulam a fantasia dos adultos e em especial das crianças, mexendo com a imaginação e a percepção. Mais do que isso: a fantasia ajuda a formar a personalidade dos indivíduos, através da interiorização dos valores que estão explícitos ou implícitos nas histórias infantis.

Machado (2002) nos lembra que os contos surgem a partir dos mitos e tradições orais, alguns datados do século II d.C. Eles sofreram e sofrem modificações em sua estrutura, não apenas por razões externas, mas também por razões internas ao próprio contador. Nas versões escritas por Perrault (apud MACHADO, 2002), por exemplo, são acrescentados preceitos morais, já que estes contos eram usados como recursos para reforçar boas maneiras, condutas e ações.

Além disso, os contos originais foram adaptados, pois traziam enredos que chocavam e assustavam até mesmo os adultos. Inicialmente não eram destinados às crianças, eram sim, criações populares, feitas por artistas anônimos do povo, as quais sobreviveram e se espalharam por toda a parte graças à memória e à habilidade "narrativa de gerações de contadores variados, que dedi-

cavam parte das longas noites do tempo em que não havia eletricidade para entreter a si mesmos e aos outros contando e ouvindo história" (MACHADO, 2002, p. 69).

Os contos de fadas, ao longo do tempo e de modo geral, não modificaram sua estrutura básica: o eterno conflito entre o bem e o mal. Eles também possuem uma estrutura simples (situação inicial, conflito, processo de solução, sucesso final) e por resolverem situações problemáticas através da fantasia, tornam-se fáceis de ser compreendidos para a criança, atendendo as características do seu pensamento mágico (AGUIAR, 2001). Isso acontece porque esses contos partem das emoções dos seres humanos que são transformados em personagens imaginários de um mundo de fantasia, somos nós e o mundo interior. Talvez por esse motivo, independentemente da idade, as pessoas sejam tocadas de modo tão profundo por esses contos.

É nesse sentido que a literatura infantil e, principalmente, os contos de fadas podem ser decisivos para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo à sua volta. O maniqueísmo que divide as personagens em boas e más, belas e feias, poderosas ou fracas, etc., facilita a criança a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou convívio social. Tal dicotomia se transmitida através de uma linguagem simbólica, e durante a infância, não será prejudicial à formação de sua consciência ética. O que as crianças encontram nos contos de fadas são, na verdade, categorias de valor que são perenes. O que muda é apenas o conteúdo rotulado de "bom" ou "mau", "certo" ou "errado".

O USO DOS CONTOS DE FADAS NOS ESPAÇOS ESCOLARES

Na esteira do pensamento de Alves et. al (2011), a escola tem o papel de proporcionar aos alunos um lócus para leitura ou contação que possibilite as contribuições dos Contos de Fadas para a construção da personalidade da criança.

Para o trabalho com os Contos de Fadas, é fundamental que o professor conheça não apenas as características desse gênero textual, mas principalmente seu significado para o imaginário infantil, possibilitando que os alunos tenham a liberdade para interpretar e construir, ao seu modo, o sentido da história para a sua vida.

Através da utilização dos contos, crianças aprendem sobre problemas internos dos seres humanos e sobre suas soluções e também é através deles que o legado cultural é informado às crianças, tendo uma grande contribuição para sua educação moral.

Os contos de fadas podem ser decisivos para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo em sua volta. A forma de julgamento que divide as personagens em boas ou más, belas e feias, fortes ou fracas, faz com que as crianças entendam alguns valores e condutas humanas para o convívio em sociedade.

Na escola, os Contos de Fadas devem estar presentes nos momentos de contação de história, conservando a característica lúdica e estimulando a fantasia. Para isso é recomendável planejar este momento com diferentes contos por meio de estratégias diversificadas, convenientes à faixa etária e às peculiaridades da turma.

Alves et. al (2011) sugere para as atividades para contação de histórias quatro etapas com diferentes propósitos:" a conversa antes da história, a contação propriamente dita, a conversa após a história e a atividade prática dividida em dois momentos – artístico e escrito."

O objetivo principal da conversa antes da contação é estabelecer combinados a respeito do comportamento dos alunos durante a narrativa, deixando claro se farão ou não comentários e outras intervenções. É importante aproveitar esse momento para levantar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o texto selecionado, identificando versões variadas, questionando como conheceram a história e se há o hábito da leitura em casa.

Para que ocorra o segundo momento é necessário que o professor realize a escolha da história considerando a versão mais adequada para o grupo e realize o planejamento da contação, fazendo um estudo aprofundado do texto, procurando além de memorizá-lo, salientar em sua estrutura pontos de incompreensão, que ganharão sentido a partir da entonação de voz e da expressão corporal do contador. É imprescindível valorizar cada detalhe da trama, permitindo que os ouvintes criem um cenário da história em sua imaginação.

Machado (2002, p. 31) recomenda que: O adulto que quiser ter a alegria de compartilhar uma narrativa com os pequenos pode ler antes a história sozinho, para si mesmo, para lembrar ou ficar conhecendo. Depois, outro dia, conta ao filho (ou aluno, ou sobrinho) com suas próprias palavras, do jeito que lembrar.

Coelho (2007) preconiza que essa é a mais fascinante de todas as formas, a mais antiga, tradicional e autêntica expressão do contador de história.

Retomando o pensamento de Alves et. al. (2011), caso o narrador faça uso do livro, é aconselhável que se realize a leitura prévia da história, buscando memorizá-la, a fim de no ato da leitura o narrador apoiar-se apenas nas imagens para realizar a contação.

A terceira etapa da atividade com Contos de Fadas é a conversa após, com o ob-

jetivo de explorar elementos fundamentais do mesmo, estabelecer relações com outras histórias, ampliar o entendimento dos alunos ao ouvir os outros colegas. É fundamental que o professor propicie um ambiente em haja respeito mútuo e que todos tenham a oportunidade de falar livremente e sejam ouvidos por seu professor e pelos colegas. O professor ainda pode usar de questionamentos para dar abertura a este diálogo com as crianças, como por exemplo, perguntar qual parte da história as crianças mais gostaram, com isso além da conversa, o professor está trabalhando a memorização, pois faz com que a mesma busque no seu subconsciente lembranças da história que acabará de ser contada.

É essencial que a escola explore todos os valores morais que os contos de fadas oferecem e assim possa desenvolver um trabalho produtivo e, sobretudo, ético. Para isso, o educador deve utilizar esse gênero de modo consciente, facilitando e mediando o desenvolvimento de suas crianças.

Uma atribuição importante do educador é verificar a motivação das crianças para as histórias nos diferentes períodos de seu desenvolvimento, a fim de conseguir uma maior participação dos alunos na atividade e, deste modo, ter mais chances de atingir seus objetivos.

Assim, a criança entra na história e baseada nas ações dos personagens pode decidir aquilo que mais lhe agradar, obviamente aqui se encontra uma das importâncias dos contos, que é mostrar o caminho do bem e de uma forma que a criança encontre sua realização. Como cita Bettelheim (2002, p.40): "O conto de fadas oferece materiais de fantasia que sugerem à criança sob forma simbólica o significado de toda batalha para conseguir uma autorrealização, e garante um final feliz".

"Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e ao mesmo tempo sugerir soluções para os problemas que a perturbam" (BETTELHEIM, 1996, p.13).

A criança de certa forma "entra" na história e toma o lugar do personagem que mais se assemelha ao seu momento de vida, e através desse faz-de-conta consegue aprender com essas histórias e assim, passar para a vida real o que aprendeu nelas.

Atualmente vemos nossa sociedade tendo que conviver com a mudança de valores relacionados a moral e aos costumes, estes são necessários para a sobrevivência em sociedade, e é através dos contos de fadas que pode-se transmitir essas mensagens à criança que um dia será um adulto, responsável por seus atos.

Deste modo a criança pode aprender a viver em sociedade e trabalhar em equipe, crescendo assim de forma totalmente saudável.

OS CONTOS E SUAS INTERFERÊNCIAS

O professor como mediador do saber tem o dever de induzir a criança ao caminho do bem e do belo e isto de forma lúdica, não esquecendo que os contos de fadas não são apenas modos de ludicidade e sim importantes ferramentas para a educação das crianças.

Em cada conto é possível abordar vários sentimentos como angústia, medo, dor, inveja, rancor, a cobiça, raiva, sexualidade, culpa, ciúmes, a morte, entre outros.

Os contos tratam de forma branda os problemas existenciais, permitindo a imaginação infantil descobrir fatos doa quais ela não estaria pronta a aprender caso a verdade fosse apresentada na vida real.

O conto de Branca de Neve é muito rico, pois além de abordar as frustrações das crianças, também tratam das frustrações dos pais em lidar com os filhos, principalmente quando o complexo de Édipo ainda se encontra presente.

A madrasta representa a figura materna de branca de neve, já que ela a cria desde um ano de idade, mas até os sete anos de idade o conto não demonstra nenhum tipo de problema entre as duas, o conflito entre ambas inicia com o medo da madrasta de ser superada pela menina. O natural é que os filhos superem os pais, porém nesse caso, como o complexo de Electra fora mal resolvido quando a madrasta era criança, a idéia de ser superada a transforma, o que impulsiona a agir de modo destrutivo.

Segundo Bettelheim os pais narcisistas são os que se sentem mais ameaçado pelo crescimento da criança, pois isso significa estar envelhecendo. Enquanto a criança é totalmente dependente é como se fosse parte dos pais, não ameaça o narcisismo paterno. Mas quando a criança começa a amadurecer e atingir certa independência. Então é vivenciada como uma ameaça.

Assim, alguns pais tentam competir com seus filhos, e fora o que aconteceu entre elas. Os contos de fadas permitem que a criança perceba que não somente ela sente ciúmes dos pais, mas também que eles sentem ciúmes dela. Já Branca de neve representa os estágios de transição da infância. Os anos passados com os anões representam

dificuldades, elaboração dos problemas e seu amadurecimento.

As crianças muito pequenas não têm condições de abstrair, muitas vezes as explicações dos adultos são incompreensíveis e elas só acharão consolo nos contos de fadas (Radino, 2003).

No conto "Cinderela" trata o tema da superação do sofrimento, o que gera um apelo emocional imenso a milhares de mulheres pelo mundo.

O tema principal do conto é a rivalidade fraternal. A inveja e a rivalidade são sentimentos que toda criança costuma passar, e que não necessariamente são vividos entre irmãos de sangue. Eles podem se manifestar entre primos ou até mesmo entre amigos.

Além disso, praticamente toda criança, em determinado momento, se sente preterida pelos pais. Ela passa a sentir que sua mãe é quase uma madrasta, pois há aquele momento que a criança deixa de ser um bebê e passa a ter algumas obrigações. Ela não tem mais o colo materno quando chora e a mãe parece não ter mais paciência com ela. E é justamente esse lado infantil que faz birra e que ainda quer colo, mas que ainda habita em nós, que precisa ser superado para ocorrer o amadurecimento da personalidade.

Observando o conto Cinderela pode-se perceber que a madrasta e as irmãs terríveis foram imprescindíveis para o desenvolvimento e crescimento da heroína. Sem elas, ela ainda estaria vivendo o anseio natural de ser reconhecida como especial, mas sem ser transportada a uma nova realidade superior e transcendente, como ocorre ao final do conto.

O conto se inicia com a morte da mãe da menina, sendo substituída pela madrasta. O pai de Cinderela só aparece no começo do conto e não é nem bom nem mau, é apenas um homem rico e comum. A trama, então, se desenvolve ao redor de personagens femininos, mostrando que a heroína deve trabalhar sua identidade enquanto mulher antes de se unir ao príncipe.

Nos contos de fadas, a morte da mãe simboliza aquele momento crítico na vida das crianças, chamado de perda do paraíso.

A identificação com a mãe boa é um sério risco a individuação da mulher. Ela precisa ter um comportamento feminino autêntico e não um modelo feminino típico.

Dessa forma ela poderá mostrar a sua individualidade e a sua diferença no mundo.

A morte da mãe significa, pois, simbolicamente, que a menina toma consciência de que não pode mais se identificar com ela, ainda que a relação positiva essencial e afetiva permaneça. A morte da mãe é, portanto, o início do processo de individuação.

Quanto mais inconsciente de sua própria personalidade é a mulher, mais ela tenderá a falar mal das outras e de pregar peças maldosas, pois somente assim ela pode marcar diferença. No conto, a mãe e as irmãs simbolizam a mulher que não conseguiu ser ela mesma enquanto indivíduo. Não conhecem sua própria personalidade e não desenvolveram nenhum trabalho criativo e pessoal. Cinderela passa então a lavar, passar e cozinhar para a madrasta e as irmãs, e acaba dormindo entre as cinzas. Cinderela está se tornando uma personalidade única e por isso incomoda a família, que a vê como uma inimiga. Elas são como um rebanho que percebeu que um de seus membros deseja seguir seu próprio caminho.

Quando alguém empreende uma análise, é comum que a família inteira se agite e se irrite com esse indivíduo, pois é justamente essa pessoa que está tirando a todos do estado de inércia.

As cinzas representam a humilhação e a contrição. A contrição é a forma mais profunda e eficaz de remorso, pois ela cura todos os pecados. Aqui o ego entra em contato com sua sombra, seu lado negativo. Ele é reduzido a pó e percebe que deve ceder a poderes e forças do inconsciente que são muito maiores que ele. Esse momento traz muita humildade.

Cinderela também passa a ter ajuda de animais e da árvore onde sua mãe está enterrada para poder ir ao baile. Isso significa que Cinderela passa a confiar em aspectos do seu inconsciente ligados aos seus instintos e ao legado deixado pela Boa Mãe em sua psique. Mas o fato de se relacionar com figuras da natureza significa que ela ainda não está apta a se relacionar e estabelecer laços, o que é algo que faz parte da natureza do feminino.

Cinderela vai três vezes ao baile, com uma bela carruagem, símbolo da realeza e de algo que a carrega em direção a sua verdadeira vida, mostrando que em breve ela se tornará uma rainha. Entretanto na última vez o príncipe, manda que passem piche na escadaria e, quando a moça passa, seu sapato do pé esquerdo fica grudado. O príncipe pega o sapatinho, que é pequenino e gracioso. O sapato simboliza liberdade, pois ele deixa os pés confortáveis e aquecidos para pessoas poderem se locomover onde quiserem. Além disso, ele representa a vaidade feminina, uma vez que as mulheres são apaixonadas por sapatos.

Portanto, o sapato, a leva ao encontro com o outro, a união com o lado masculino, que era ausente anteriormente, mas que agora se encontra disponível a auxiliá-la e a tirá-la da realidade conflituosa em que vive. Ele mostra a sedução e a beleza femininas que encantam o homem. É por essa razão, que o ato de se apaixonar por alguém é sentido como destino, pois provém desse centro

interior.

As irmãs não conseguem calçar os sapatos, chegando ao ponto de se mutilarem seus pés para poder caber no calçado. Isso significa que ninguém pode viver a vida de outro sem mutilar uma parte sua. É comum nas mulheres o mutilar seus corpos para poderem se encaixar em padrões estabelecidos pela sociedade, principalmente quando esse padrão alcançou algum êxito visível.

Ao final, Cinderela alcança sua redenção e se casa com o príncipe e as irmãs malvadas são punidas tendo seus olhos furados por pombos.

As irmãs estão cegas. Cegas para si mesmas e para quem elas realmente são.

Vão passar a vida tentando ser outra pessoa e tentando se encaixar em padrões.

Cinderela se tornar alguém da realeza mostrando que não é mais alguém comum. Ela encontrou a transcendência e sua realidade foi transformada, transmutada. Ela agora pode seguir sua personalidade mais profunda sem se importar com os padrões limitantes da sociedade e de sua família.

O conto "João e o pé de feijão" conta a história de um menino, chamado João, que vai ao mercado a mando de sua mãe com o fim de vender uma vaca. Quando a criança chega ao mercado, um estranho lhe propõe cinco feijões mágicos em troca do animal. Com o trato aceito, João retorna para casa com os grãos no bolso. Sua mãe se enfurece pela clara instrução de vender a vaca ter sido ignorada. Fora de si, ela joga os feijões pela janela, que caem na terra ao lado da casa deles.

Enquanto eles dormem, os feijões germinam e dão origem a gigantes pés de feijão despontando no céu. Ao acordar, o menino escala o gigantesco pé de feijão e encontra um castelo acima das nuvens, lugar habitado por um gigante que se alimenta de gente.

Protegido pela esposa do grandalhão, João consegue fugir, após surrupiar uma sacola de moedas de ouro. Retorna no dia seguinte para furtar a galinha dos ovos de ouro do gigante e novamente escapa ileso. No terceiro dia, João escala o feijoeiro de novo e tenta roubar uma harpa de ouro. Dessa vez, o gigante persegue João, mas o menino consegue descer o pé de feijão mais rapidamente e o corta com um machado.

João é um menino que vive sozinho com a mãe. A vida dos dois é de muita miséria. João não possui a figura do pai, o que em termos psicológicos significa que ele precisará de um modelo masculino para construir sua identidade.

Nas culturas mais primitivas era comum o menino passar por um rito de passagem, onde deveria abandonar a mãe para a eliminação do ego infantil a fim de se tornar adulto. Pois se sabe que ficar preso à mãe significa não crescer e permanecer em uma miséria psicológica. Para isso é importante que ele renuncie a ligação com a mãe e a vaca simboliza justamente o matriarcado que agora já não lhe garante mais o alimento. É necessário que ele busque algo mais sólido.

O pé de feijão leva o menino ao céu que representa os valores do patriarcado, com suas leis e normas. Os feijões também o levarão a desenvolver sua personalidade, deixando-a mais completa. Mas por incrível que pareça é pelas mãos da mãe que os feijões são plantados quando ela os joga fora. Isso significa que há momentos em que as pessoas devem esquecer seus projetos e sonhos, e deixar que eles germinem por si só. Alguns processos psicológicos devem ocorrer no inconsciente sem que fiquem o tempo todo observando e perguntando para que possam se manifestar na vida externa no tempo certo.

O pé de feijão cresce e João resolve subir e lá encontra um gigante. Os gigantes nos contos de fadas são conhecidos por serem lentos e estúpidos. Psicologicamente representam uma supervalorização de si próprio, mas que por vezes é necessária, pois caso contrário à pessoa não consegue realizar nada e assim sair de um estado que é apenas confortável. Os gigantes então representam certa megalomania de João que o faz sair de sua zona de conforto.

João sobre aos céus e rouba os tesouros três vezes. Nos contos de fadas é comum o herói enfrentar três vezes um desafio. Isso significa que a consciência deve encarar outros pontos de vistas mais de uma vez para que possa se desenvolver e enfim voltar à vida cotidiana, agora amadurecida. Dessa forma o João infantilizado e preso à mãe morreu. Sua carência de pai foi suprida agora pela sua capacidade de se colocar no mundo a ganhar seu próprio sustento.

Assim, cada conto abordará sentimentos diferentes e o maravilhoso dos contos de fadas é fazer com que aos poucos a magia, o fantástico, o imaginário deixe de ser visto como pura fantasia para fazer parte da vida diária de cada um, inclusive dos adultos ao permitirem em muitos momentos se transportarem para este mundo mágico, onde a vida se torna mais leve e bem menos trabalhosa.

CONSIDERAÇÕES

Por meio deste trabalho pode-se concluir que os contos de fadas são imprescindíveis para o desenvolvimento da criança na Educação Infantil, pois os contos de fadas conseguem deixar fluir o imaginário e levar a criança a ter curiosidade, que prontamente é respondida no transcorrer da leitura dos contos. É uma possibilidade de descobrir o mun-

do dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivem e atravessam, de um jeito ou de outro, através dos problemas que vão sendo encarados ou não, resolvidos ou não, pelas personagens de cada história.

A criança tem seu primeiro contato com a literatura por meio da leitura de uma história. Ler para uma criança vai muito além de um ato educacional, é um ato de amor e desta forma, os contos procuram fazer com que a criança perceba que o mal e a desonestidade além de não compensar, sempre recebem a devida punição, por isso a pessoa má nos contos, sempre perde e o herói sempre forte e bondoso vence, essas informações sempre levam a criança a perceber que ela deverá escolher como será, pois há diferença entre as pessoas e que haverá sempre consequências para suas atitudes, sejam elas boas ou más.

Pode-se perceber que em cada conto de fada é possível abordar diversos sentimentos, de acordo com o objetivo do professor ele deverá escolher o conto a ser trabalhado, como não mentir (Pinóquio), a não desobedecer à mãe (Chapeuzinho vermelho), entre outros.

Dessa forma, a leitura dos contos de fadas na Educação Infantil faz-se importante na formação das crianças que através deles poderão formar-se e informar-se sobre a vida e os ambientes que as cercam.

Por meio da leitura diária dos contos de fadas, o professor da Educação Infantil conseguirá fazer com que os pequenos absorvam a perspectiva formativa dos contos e recebam os valores morais da vida em sociedade.

Para aproximar o aluno da leitura, faz-se necessário que o educador atribua à literatura uma finalidade prazerosa e não apenas cumprir obrigações na escola ou no trabalho, pois só assim será possível formar leitores para a vida toda.

A iniciação da leitura na Educação Infantil pela criança é necessária e importante. Pode-se perceber o quanto é importante o papel mediador do professor, pois será de sua responsabilidade proporcionar aos alunos espaços adequados de leitura, transformando estes espaços em situações prazerosas de aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: paz, e terra, 1996, p.13 e 20.

COELHO, B. Contar histórias: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 2007.

FARIAS, F. R. A. de; RUBIO, J. de A. S. Literatura Infantil: A Contribuição dos Contos de Fadas para a Construção do Imaginário Infantil. Revista Eletrônica Saberes da Educação, v. 3, n 1, 2012. KLEIMAN, Ângela. Oficina de Leitura: teoria e prática. 11ª Edição, Campinas, SP: Pontes, 2007. MACHADO, A. M. Como e porque ler os clássicos universais desde cedo. Rio de Janeiro, editora: Objetiva, 2002. p. 45, 69, 146.

MOURAO, Hellen R., Fás da Psicanálise disponível em:<https://www.fasdapsicanalise.com.br>, acesso em 05 de janeiro 2019.

RADINO, G. Contos de fadas e realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento. 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

VILLARDI, Raquel. Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira. Rio de Janeiro: Qualitymark/D